**RESUMO EXPANDIDO EPCA 2024**

**COMUNICAÇÃO E EVANGÉLICOS: DINÂMICAS DE FÉ NO PÓS-PANDEMIA DE COVID-19 EM MURININ, BENEVIDES, PARÁ**

**William Costa da SILVA - UFPA[[1]](#footnote-1)**

**Dra. Marina Ramos Neves de CASTRO - UFPA[[2]](#footnote-2)**

**RESUMO**

Com a pandemia da COVID-19, foram implementadas medidas de distanciamento social que impactaram as interações sociais, levando ao fechamento de estabelecimentos não essenciais, incluindo templos religiosos. Este estudo visa analisar as vivências religiosas dos evangélicos durante e após a crise sanitária, observando as iniciativas das igrejas para manter as atividades de culto, descrevendo as experiências de fé no pós-pandemia e examinando os novos processos de comunicação surgidos. O objetivo é compreender como a pandemia influenciou a prática religiosa dos evangélicos em Murinin, Benevides, Pará.

**Palavras-chave:** Processos Comunicacionais. Pandemia de COVID-19. Amazônia. Evangélicos. Murinin.

**1. INTRODUÇÃO**

Inseridos de maneira intensa no cenário brasileiro, os evangélicos[[3]](#footnote-3), nos últimos anos, começaram a ocupar diversos espaços no país, especialmente na mídia, na política e nas comunidades periféricas, mas não se limitando a isso.

De acordo com informações dos dois últimos Censos do IBGE (Brasil, 2012), em 2000, aproximadamente 15,4% da população brasileira se identificava como evangélica. Em 2010, esse percentual subiu para 22,2%. Já em 2020, os dados do Datafolha (2020) indicam que a proporção de evangélicos no Brasil é de 31%. Na região Norte, essa mesma pesquisa revela que 39% da população se declara evangélica. No Pará, a proporção de indivíduos que se identificam como evangélicos correspondeu a 27,13% da população, enquanto o número de católicos passou de 73,8% em 2000 para 63,7% em 2010 (Brasil, 2012).

Partindo de uma perspectiva em que o cenário é de pandemia[[4]](#footnote-4) de COVID-19[[5]](#footnote-5), anunciado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), como infecção respiratória causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), o mundo vivera um novo momento fatídico de impacto de doenças em escala planetária, unindo-se as que já existiram, como a Peste do Egito (430 a.C.), a partir da expansão da febre tifoide; Peste Antonina (165-180 d.C.), possivelmente causada pela varíola; Peste de Cipriano (250-271 d.C.), varíola ou sarampo como possível causa; Peste de Justiniano (541 d.C.), registrada como peste bubônica; Peste Negra (1300), retorno da peste bubônica, e; Gripe Espanhola (1918-1920), pandemia do vírus influenza, H1N1.

Com o aumento do contágio da COVID-19, ocorreu o fechamento de templos e locais com aglomerações, levando à utilização da internet como principal ferramenta para compartilhar a liturgia. O distanciamento social levou a ressignificação da sociabilidade, agora mediada pela tecnologia. Nesse contexto, a pandemia levanta questões religiosas, como conexões com narrativas bíblicas.

Cunha e Novaes (2021) discutem a religião como algo amplo, envolvendo vários aspectos culturais e não se limitando a abordagens específicas. Por outro lado, o termo "religião" pode ser visto de forma mais restrita, ligado à tradição cristã, segundo os autores. Eliade (2012) destaca a polissemia e pluralidade da religião, sugerindo que sua epistemologia pode ser reduzida em sua originalidade.

Diante desse contexto complexo, a comunicação tornou-se o ponto de convergência no distanciamento social, com novos elementos incorporados às interações digitais entre indivíduos, reflexo das mudanças provocadas pela pandemia no campo religioso. Com isso, a pesquisa busca entender os fenômenos comunicacionais e como isso impacta nas dinâmicas de fé entre evangélicos ou não de Murinin.[[6]](#footnote-6)

**3. PERCURSO METODOLÓGICO**

Amparado na fenomenologia, o estudo será mediado pela observação participante, com base na pesquisa qualitativa – que leva em consideração as características a partir dos fenômenos que se apresentam –, e de natureza exploratória descritiva – onde se pretende investigar com maior compreensão e precisão -, a etnografia. Entende-se que, ao fazer observação participante, faz-se etnografia. Ao se estabelecer relações, informantes, levantamento de dados e uma “descrição mais densa” (Geertz, 1989), a etnografia é o desdobramento da observação enquanto método que comporta a pesquisa proposta.

A partir da obra Sociedade de Esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada de William Foote Whyte (2005), Lícia Valladares (2007) faz uma releitura e a sistematiza em Dez Mandamentos da observação participante, não como forma que limita o uso do método, mas como norte para as vivências e experiências, como uma relação cíclica e autopoiética entre o campo, a pesquisa, o pesquisador e os fenômenos da comunicação.

**4. O CAMPO DA PESQUISA: PARAÍSO DE MURININ**

Como povoado ligado à Belém, Benevides se desenvolveu e, por formação administrativa, foi elevado categoricamente à condição de vila, posteriormente Distrito da capital, até meados de 1936. Também foi distrito das cidades de Santa Izabel do Pará até 1943 e de Ananindeua até 1961, quando também fora elevando a categoria de município, pela Lei Estadual n.º 2.460, de 29-12-1961, tendo sua constituição formadora em 2 distritos, a sede e Benfica (IBGE, 2009). Murinin é um bairro da cidade de Benevides, região Metropolitana de Belém, e fica margeado à mesma rodovia que passa por Benfica, a PA 404.

A aldeia dos maguarises, que na colonização religiosa engendrou-se sob o poderio católico foi inicialmente denominada por franciscanos de “Santo Antônio de Maguari”. Em 1654, acolhida por jesuítas, foi novamente rebatizada e categorizada administrativamente como Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Benfica, afirma Siqueira (2014, p. 33).

Segundo Siqueira (2014), não há consenso histórico sobre quem foram os primeiros habitantes de Benfica e sua origem bem definida, mas o autor constrói sua perspectiva a partir das narrativas que alinham os indígenas Tupinambá e os Sapararás como precursores.

Em 1758 passou a ser chamada de Freguesia de Benfica, topônimo ao bairro português, e recebeu Nossa Senhora da Conceição como padroeira. O desenvolvimento esteve centrado na produção oleira, criação de gado e produção de roças. Até 1759, foi administrada por jesuítas que, naquele mesmo ano, foram deportados para a Europa. A partir de então, a Freguesia passa a ser responsabilidade da Província.

Em 1820, a Freguesia de Benfica transforma-se em uma das mais importantes do Estado, segundo Siqueira (2014, p. 45), tanto pelo crescente desenvolvimento social, com uma população de 270 moradores, um reduto eleitoral significativo, apesar de ainda manter os indígenas à condição de escravidão (p.42).

A Guerra do Paraguai, que inicia em 1865 e passa a ser, segundo Siqueira (2014, p. 49), o “último drama dos remanescentes Tupinambás de Benfica”, quando da arregimentação a força de “voluntários da pátria” para atuação dano conflito, conforme Prost (2000, p. 16).

O Cacique dos Tupinambás foi mandado para lutar na guerra, morrendo no combate. O medo de que os últimos guerreiros da Nação Tupinambá, a mais poderosa nação dessa plaga, reduzida a escasso número, fossem caçados e enviados para a guerra, obrigou a esposa do Cacique a convocar o reduzido grupo, partindo com ele para um lugar isolado no meio da floresta, que denominou Paraíso (Siqueira, 2014, p. 49).

A esposa do cacique, segundo Siqueira (2014), construiu sua oca às margens do igarapé do Pequiá, cercado por árvores frutíferas e com ambientação para manipulação de barro, que lhe rendeu o reconhecimento de produtora de utensílios usuais, como alguidares, panelas e outros e, por anos, referência de onde encontrar tais utensílios.

Conforme Siqueira (2014, p. 50), com o crescimento no processo de ocupação e do iminente fim da arregimentação da população para a guerra, a indígena tupinambá maguarize que vivia mata adentro de Benfica, de nome Murinin, passa a ser topônimo do lugar que, em 1883 já possuía 40 casas, cobertas com telhas, frente às 29 de Benfica.

Em 1884, após ideais internacionais de libertação, Benevides dá alforria a seus escravos, em 30 de março daquele ano. Ao declarar o fim da escravidão, tornou-se “berço da Liberdade” (Brasil, 2022). Benfica já era vila de Benevides em idos de 1884 e, segundo Benevides (2023), foi de lá que, às 6h, o então presidente da província do Grão-Pará, assinou as cartas de alforria dos primeiros escravos do Pará, entre eles, negros e índios.

Ainda hoje, Benfica tem ares mais pacatos, no entanto, Murinin concentra a maior densidade populacional do trecho e as principais ofertas de comércio e serviços, como: Casa Lotérica, agência do banco Banpará, subprefeitura, escolas estaduais de nível médio, posto policial, garagem e final da linha de ônibus, provedores de internet e Unidade de Urgência em Saúde 24 horas. A economia gira entorno do comércio, serviço púbico e exploração madeireira.

De acordo com Farias (2016), o nome do bairro é um dos poucos nomes indígenas e femininos que guarda na oralidade a história de nascimento, sem muitos pontos de apoio institucionalizado, mas que, no contexto indígena, a história que mais é contada parte do nome de uma índia especialista na manipulação de barro que vendia e consertava peças para quem fosse até ela, a guerreira Tupinambá Murinin.

No contexto religioso da localidade, há importantes fatos que envolvem não só os católicos, como a organização da vila de Benfica, mas em Murinin, os evangélicos possuem alta capilaridade e força. Nas narrativas locais, iniciam seus trabalhos missionais pelo rio, aportando na área da Tapera e realizando as reuniões e cultos nas proximidades.

A igreja evangélica Assembleia de Deus em Paraíso do Murinin (IEAD) construiu seu templo sede em grande parte do terreno onde está situado o igarapé de onde a índia Murinin. Há também outras disputas de poder entre os evangélicos e católicos em uma parte do bairro, com o percurso das romarias católicas que seguiam apenas por um trecho da comunidade onde não havia maioria evangélica (Farias, 2016).

Entre outros fatos que envolvem a comunidade em sua religiosidade evangélica está a movimentação para construção do primeiro templo sede da IEAD, que permitiu a abertura de avenida, no prolongamento da rodovia PA 404, a avenida Martinho Monteiro, onde só os “crentes” passavam, à época, em disputa com católicos locais (Farias, 2016).

Outro elemento evangélico, é a marca “Paraíso” associado ao nome Murinin que, segundo Farias (2016, p. 162), foi um codinome dado pelo pastor Manoel Trajano, hoje nome de escola municipal, quando esteve à frente da IEAD, por vezes apresentada como Assembleia de Deus em Paraíso de Murinin, e que iniciou suas atividades na localidade em 1939.[[7]](#footnote-7) Destoando ao que Siqueira (2014) constrói da narrativa de lugar indígena.

**3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa está em andamento, mas de pontapé da observação participante, ouve-se um dos guardiões da memória e história dos evangélicos assembleianos de Murinin é Osvaldo Cavalcante, conhecido por irmão Vavá que está há 52 anos morando e frequentando a igreja. Para além dele, a senhora Francisca Costa Farias, nascida em 3 de julho de 1024, se converteu ao evangelho aos 7 anos de idade, em 1931 e, aos 22 anos, chega ao Murinin, vinda de Icoaraci (Belém), e se integra aos movimentos iniciais de evangelismo feitos pela igreja evangélica na localidade. Portanto, aos 100 anos, aposentada e bem lúdica, a conhecida irmã Chica, Chiquinha ou Francisca, também é convidada a contar sua história.

Ademais, para o autor, a relação com Murinin é pelo atravessamento de vida. De uma infância na casa dos avós, das conversas na frente de casa ao final da tarde, dos banhos nos igarapés, no “se arrumar” para ir à igreja aos domingos, do processo de formação acadêmica e das experiências socioeconômicas e religiosas que foram vivenciadas em Murinin. Portanto, um recorte de vida, atento a suas histórias, significados, narrativas e relações de afeto em construção.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BENEVIDES, Prefeitura. **História**. <https://abrir.link/MyzuJ>. Acesso em 28 ago. 2023.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Censo demográfico 2010:** características Gerais da população, religião e pessoas com deficiência. IBGE: Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/2GOYmAR>. Acesso em: 10 nov. 2020.

BRASIL. **Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG)**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades@. Brasília: IBGE, 2022. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/Acesso em 28 ago. 2023.

CUNHA, M.; NOVAES, A. “Introdução”. In: CUNHA, M.; NOVAES, A. (orgs.). **Dicionário Brasileiro de Comunicação & Religiões**. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2021.

DATAFOLHA, Instituto de Pesquisa. **Cara típica do evangélico brasileiro é feminina e negra, aponta Datafolha**, 2020. Poder UOL. Disponível em: https://encurtador.com.br/akIOR. Acesso em: 20 jan. 2023.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**: A Essência das Religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2012. 3°ed.

FARIAS, Maria Adelina Rodrigues de. **Antropologia linguística & etnografia toponímica: vivências e narrativas em linguagens socioculturais de Murinin – Benevides - Pará.** 2016. 215 f. Tese – UFPA, IFCH, Belém, 2016. Programa de Pós-Graduação em Antropologia.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

PROST, Catherine. Forças Armadas, Geopolítica e Amazônia (Paper 156). **Papers do NAEA**, v. 1, n. 1, 2000. Disponível em: <https://abrir.link/Vwlzm>. Acesso em: 23 abri. 2024.

SIQUEIRA, J. L. F. **Terra da Liberdade – Benevides:** História e Colonização. Belém: Delta Gráfica e Editora Ltda, 2014.

VALLADARES, L. P. Os dez mandamentos da observação participante. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 22, p. 153-155, 2007. Disponível em: <https://abrir.link/jRrtI>. Acesso em: 31 ago. 2023.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Tradução de Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.

1. Doutorando em Comunicação pelo PPGCOM da UFPA. E-mail: contato.wcosta@gmail.com. [↑](#footnote-ref-1)
2. Professora da Faculdade de Comunicação e do PPGCOM da UFPA. E-mail: marinacastro@ufpa.br. [↑](#footnote-ref-2)
3. Segundo Cunha (2007), o termo “evangélico” está ligado e referenciado aos cristãos não católicos, assim como “crente”, o que é caracterizado por um processo de conversão ao protestantismo (p.13). [↑](#footnote-ref-3)
4. Refere-se ao termo pandemia, o momento em que uma doença já está espalhada por diversos continentes e sendo transmitida continuamente entre as pessoas. FioCruz - O que é uma pandemia. Disponível em: https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763- o-que-e-uma-pandemia. Acesso em 19 fev. 2024. [↑](#footnote-ref-4)
5. Ministério da Saúde – Covid. Disponível em: https://covid.saude.gov.br/. Acesso em 19 fev. 2024 [↑](#footnote-ref-5)
6. Distrito da cidade de Benevides, região Metropolitana de Belém, no Pará. Segundo dados do IBGE (Brasil, 2022), a população atual de Benevides é de 63.567 munícipes, distribuídos entre as áreas urbana e rural, tanto nos distritos de Benfica, Santa Maria, quanto de Murinin, que também é bairro, além da sede do município. [↑](#footnote-ref-6)
7. AD Paraíso de Murinin. Facebook, 2023. Disponível em: <http://www.facebook.com/ad.murinin>. Acesso em 28 ago. 2023. [↑](#footnote-ref-7)